

MAQUIAVEL E AS COISAS DO MUNDO: O LUGAR DAS PAIXÕES

Christiane Cardoso Ferreira¹

Resumo: Em diferentes textos, Maquiavel faz referência às “coisas do mundo” e à verdade efetiva da coisa (*verità effettuale della cosa*) desenvolvendo um pensamento político pautado na realidade. Autores relacionam a filosofia realista de Maquiavel não apenas ao seu objeto de estudo, a política, mas à implacabilidade de seu tempo histórico, cujos imprevisíveis acontecimentos forçaram o aparecimento de novas análises e novo modo de pensar. A inexorabilidade da contingência sobre o pensamento do secretário florentino justifica a constatação de que ele coloca a experiência no centro de sua análise, reivindicando uma abordagem metodológica da realidade. O suposto novo método maquiaveliano de análise, no entanto, não abandona os autores Antigos: os exemplos históricos são imprescindíveis no seu pensamento. Como é possível conciliar exemplos históricos da Antiguidade e a experiência do real vivenciado no presente para prever o futuro? Esse texto pretende refletir sobre o que Maquiavel compreende sobre “coisas do mundo” e entender como é possível articular as experiências registradas e apresentadas pelos autores antigos com o método realista de colocar no centro da análise estas coisas do mundo e a experiência do agora, do presente. Mostraremos que as paixões humanas estão no centro da análise maquiaveliana e é o que permite vincular passado, presente e futuro no seu cálculo político.

Palavras-chave: Maquiavel. Coisas do mundo. Verdade Efetiva. Verità Effettuale. Paixões. Emoções.

MACHIAVELLI AND THE THINGS OF THE WORLD: THE PLACE OF PASSIONS

Abstract: In different texts, Machiavelli refers to the "things of the world" and the effective truth of the thing (*verità effettuale della cosa*), developing a political thought based on reality. Authors relate Machiavelli's realist philosophy not only to his object of study, politics, but to the relentlessness of his historical time, whose unpredictable events forced the emergence of new analyses and a new way of thinking. The inexorability of contingency on the Florentine secretary's thought justifies the observation that he places experience at the center of his analysis, advocating for a methodological approach to reality. Machiavelli's supposed new method of analysis, however, does not abandon the Ancients: historical examples are indispensable in his thinking. How is it possible to reconcile historical examples from antiquity and the experience of the real lived in the present to predict the future? This text intends to reflect on what Machiavelli understands about the

¹ Doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo (2023), tendo sido acolhida pela Université Paris-Diderot para o estágio doutoral (doutorado sanduíche – CAPES/PRINT; 2019-2020). Sua tese foi sobre Maquiavel e a área de pesquisa é em Ética e Filosofia Política, especialmente: republicanismo e Maquiavel. E – mail: christiane.ferreira@alumni.usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8256267745883234>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0695-2083>.

"things of the world" and to understand how it is possible to articulate the experiences recorded and presented by ancient authors with the realistic method of placing these things of the world and the experience of now, of the present, at the center of analysis. We will show that human passions are at the center of Machiavellian analysis and are what allows linking past, present, and future in his political calculation.

Keywords: Machiavelli. Things of the world. Effective Truth. Verità Effettuale. Passions. Emotions.

1 Introdução

No início dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio (Discorsi)* há dois enunciados importantes para este artigo. O primeiro encontra-se na dedicatória da obra, o segundo no proêmio. Na dedicatória, Maquiavel conta que escreve a partir e sobre o que aprendeu das coisas do mundo (D, I, Dedicatória, p. 3²)³. Sabendo-se que o autor trabalhou diretamente na política florentina, é plausível supor que ele se refere às coisas da política.

O segundo não é apenas um enunciado, é um conjunto deles. Quando, no proêmio do Livro I – o primeiro da obra –, Maquiavel anuncia que decide escrever sobre os textos de Lívio, faz-nos saber o motivo desse empenho nas seguintes palavras:

Desejando, pois, afastar os homens *desse erro*, julguei necessário escrever, acerca dos livros de Tito Lívio (...), aquilo que, do que sei das coisas antigas e modernas, julgar necessário ao maior entendimento deles, *para que aqueles que lerem estes meus comentários possam retirar dele mais facilmente a utilidade pela qual se deve procurar o conhecimento das histórias*. (D, I, Proêmio, p. 7, grifos nossos).

O “erro” mencionado se refere ao pouco uso que se faz dos antigos para pensar as coisas sobre a política e o Estado. Segundo Maquiavel, isso se dá menos porque as pessoas desconhecem as obras antigas, uma vez que elas sentem prazer em ouvi-las; mas, porque não conseguem “extrair de sua leitura o sentido” (*Ibidem*, p. 7). A escrita dos *Discorsi*, então, de acordo com o que podemos

² As seguintes abreviaturas serão usadas para referenciar a obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* em português:

a. *Discorsi*, quando no texto;

b. D, seguida do livro e do capítulo e página da edição brasileira utilizada, quando em nota de rodapé ou como citação no corpo do texto

³ Examinaremos esta citação mais adiante.

verificar no segundo trecho sublinhado supracitado, tem o objetivo de mostrar a utilidade do conhecimento que se retira das histórias.

Temos, então, o registro de Maquiavel que afirma escrever sobre as coisas do mundo e recorre às histórias dos Antigos⁴. Como Maquiavel extrai sentido destas histórias para aplicá-las nas questões políticas que se apresentam no seu tempo presente⁵? Este artigo pretende refletir sobre esta questão, buscando compreender o que são as “coisas do mundo”, como esta expressão se relaciona com a “verdade efetiva da coisa”, e o papel das paixões na análise das coisas do mundo.

2 A historicidade do método maquiaveliano

O ingresso de Maquiavel na Chancelaria florentina corresponde à virada do século XVI. Época conturbada para Florença, marcada também pela deposição dos Medici e, em seguida, do governo de Girolano Savonarola. Mas, não apenas por isso. A própria ebulição e instabilidade política florentina foi fortemente provocada por acontecimentos que fragilizaram não somente esta república, mas todo o restante das cidades e reinos localizados na península itálica. Tais acontecimentos puseram em xeque o pensamento político italiano e demandaram novos modos de interpretar o mundo. Era necessário analisar os novos tempos que chegavam com acontecimentos perturbadores, e propor respostas políticas adequadas a elas.

Um dos momentos-chaves no teste de novidade para o pensamento político italiano foi a virada do século XVI. As guerras na Itália que enfraqueceram as instituições civis, obrigaram os atores e pensadores políticos, filósofos e historiadores a observar seu presente para determinar se os instrumentos de governo dos homens e as categorias de pensamento à sua disposição eram adequados à situação. O teste da novidade revela-se, então, indissolúvelmente prático e teórico. (GAILLE-NIKODIMOV; GIRARD; REMAUD, 2006, p. 10, tradução nossa)

Diante das guerras que surpreendiam a península italiana com acontecimentos concretamente devastadores⁶, parece ser em Florença que podemos encontrar os primeiros desenvolvimentos de

⁴ Para ver mais sobre História e política em Maquiavel, recomendamos ARANOVICH (2007).

⁵ Maquiavel afirma que outras áreas do conhecimento, tais como o direito e a medicina se utilizam dos antigos, diferentemente da área da política, como veremos adiante.

⁶ Gaille-Nikodimov *et al.* mencionam eventos inéditos e imprevisíveis ligados às guerras que ocorreram na península itálica na virada para o século XVI. Mas quais seriam estas tais novidades? Podemos acessar com Viroli, ao menos parcialmente, o ineditismo dos acontecimentos: a mudança no modo como se fazia guerra, provocou a alteração dos tempos: tanto o da duração dos conflitos e guerras, que diz respeito à captura e queda das cidades (inclusive, de Florença) e, conseqüentemente, “do tempo” com a acepção de “era”: acabou-se definitivamente o equilíbrio que havia entre as cidades daquela península, logrado pelo Lorenzo de Medici, *Il Magnifico*, que também já estava morto. Sua, Florença, inclusive, sofre alteração política com a entrada do rei francês Carlos VIII: “Junto com Carlos VIII entraram na Itália,



um “pensamento da novidade”. Imprevisibilidade e ineditismos que, de acordo com Gaille-Nikodimov *et al.* (2006), implicaram em uma ruptura com o passado concreto⁷ e demandaram respostas políticas rápidas, de preferência sem enganos, pois Florença também estava em risco. A desconfiguração das relações estabelecidas entre as cidades italianas, que envolviam disputas e alianças entre elas, se deu primeiro com a morte de Lourenço de Medici (*Il Magnifico*) e, depois, com a entrada da França na península itálica anunciando não apenas o novo século, mas um novo jogo de poder com novas regras sobre as disputas, guerras e dominação entre as potências europeias, o qual requeria análises diferenciadas para a compreensão dos acontecimentos.

As respostas de Maquiavel diante da realidade, assim como de Guicciardini e de Vettori, de acordo com Rivière (2018), consistiram em superar a análise costumeira que era pautada em um substrato misto de conhecimentos, herdado dos antigos e de paradigmas locais – como documentos de famílias florentinas e manuais que davam as linhas de comportamentos ao considerar as orientações políticas e considerações que ajudam na tomada de decisões⁸. Por não responderem às novas condições e demandas daquele tempo histórico, estes documentos mostraram-se pouco úteis. Rivière (2018, p. 13) entende, então, que os três funcionários da república florentina encontravam-se em um momento singular: na junção entre uma memória cristalizada do passado, um presente desprovido de ganchos lógicos facilmente apreendidos e um futuro de difícil leitura. Isso significaria a necessidade de inventar as ferramentas mentais necessárias para compreender este novo ambiente. É por causa desta necessidade que Rivière tende a defender que um modo completamente novo de

como escreveu Francesco Guicciardini, ‘uma labareda e uma peste’, que iriam modificar regimes políticos e formas de governo, e alterar profundamente os equilíbrios entre os Estados italianos. [...] Ademais, na eventualidade de uma guerra, o procedimento era de tal forma lento e o uso das artilharias tão ineficaz, que tomar um castelo de assalto podia levar um verão inteiro. [...] As guerras se tornaram mais violentas, e o assalto às cidades passou a ser uma questão de dias ou até mesmo de poucas horas, graças ao emprego mais eficaz das artilharias”. (VIROLI, 2002, p. 37-38). Com efeito, a “labareda” a que se referiu Guicciardini é a introdução das armas de fogo. Giddens especifica que no século XV houve primeiramente o desenvolvimento do arco inglês com lança, que juntamente com o uso do estribo de ferro, foram mudanças importantes na tecnologia militar porque ajudaram a dissolver as técnicas feudais de batalha. Contudo, a lança foi gradualmente substituída por armamentos que utilizavam a pólvora, “certamente uma das mais significativas mudanças tecnológicas da história da humanidade” (GIDDENS, 2008, p. 130-132).

⁷ “Em 1494, para Maquiavel e Guicciardini e de maneira diferente para Savonarola, o “novo” no sentido do sem precedentes, entraria literalmente na história. A Itália foi, então, atravessada e posta abaixo por Carlos VIII e seus homens. O exército do invasor possuía equipamentos até então desconhecidos, que amplificavam os meios de morte. Os príncipes e governos italianos não podiam mais considerar que jogavam entre eles a dominação territorial: uma ‘grande parte do mundo’ estava agora participando de seu jogo. O inédito, imprevisível e imprevisível torna-se um elemento de reflexão política e a prática do governo. No capítulo XXIV do Príncipe, Maquiavel denuncia a imprudência dos príncipes italianos, enquanto no capítulo XXV compara a Fortuna a um rio devastador e a virtude ao negócio de construir diques e abrigos. De agora em diante, a ação política deve reagir no momento à aceleração dos acontecimentos.” (GAILLE-NIKODIMOV, GIRARD; REMAUD, 2006).

⁸ Florença tinha critérios próprios de análises para objetos e eventos externos, os quais eram baseados em documentos familiares de florentinos e manuais pedagógicos que davam as linhas de comportamentos individuais, como por exemplo, orientações políticas e considerações para as tomadas de decisão. Ver mais em Rivière, 2018, p. 11.



pensar surgiu com estes três florentinos. Há que considerar, contudo, que o comentador admite que o modo novo não recusava completamente o anterior, mas se combinava com ele, fazendo uma nova síntese (*Ibidem*, p. 11).

Já Zancarini (2010), por sua vez, defende que, àquela época, a *experiência* tendeu a se tornar um método necessário e, inclusive, reivindicado como tal, a favor de uma abordagem da realidade. É o que, segundo ele, Maquiavel proporia com a expressão *verità effettuale de la cosa*. Nos alerta Zancarini – ao encontro de Rivière – que essa abordagem pragmática não significou o abandono dos conhecimentos da tradição e de suas formações. É deste modo que ele explica a reivindicação de Maquiavel do método da verdade efetiva da coisa combinando com o conhecimento trazido pela antiguidade. Assim, não era estranho que se usasse como recurso de análise o passado da Antiguidade Clássica para se compreender o presente, colocando passado-presente em relação pela imitação, ainda que apropriada para cada situação (GAILLE-NIKODIMOV *et al.*, 2006).

Estes autores, então, parecem compreender que a análise maquiaveliana não propõe uma ruptura radical com os métodos florentinos anteriores, uma vez que se serve dos exemplos dos autores antigos greco-romanos. Para o nosso objetivo, é compreensível aceitar que a contingência da época forçou e forjou um novo modo de pensar, colocando no centro da análise a experiência, as coisas do mundo em busca da verdade efetiva delas. Assim, se a busca da verdade efetiva das coisas é, para Zancarini, colocar os dados de realidade como objeto de análise, e para Rivière, por sua vez, é a *experiência* que recusa os paradigmas florentinos que ofereciam o suporte para a produção do pensamento, ainda assim, estas respostas não deslindam o que são as coisas do mundo nas quais Maquiavel busca suas verdades efetivas. Dito de outro modo, estes autores colocam em evidência que Maquiavel põe no centro de seu método as experiências e a realidade vistas e vividas, o que parece ser corroborado com as referências às longas práticas e lições das coisas do mundo da Dedicatória dos *Discorsi*. Mas, o que são as coisas do mundo? Como são pensadas? Se há uma ruptura por reivindicar a verdade efetiva das coisas, e tais coisas são as coisas do mundo, o que se recusa? Como se delimita o que é do mundo? E como se pode usar a Antiguidade para se pensar as coisas do mundo e o presente?

3 As coisas do mundo e a verdade efetiva da coisa

A expressão “coisas do mundo” aparece na dedicatória dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio (Discorsi)* a Zanobi Buondelmonti e Cosimo Rucellai⁹: “porque nele [no livro] expressei tudo o que sei e aprendi em longa prática e contínuas lições das *coisas do mundo*” (D, Dedicatória, p. 3, grifos nossos). A “longa prática” provavelmente faz referência aos anos que o florentino passou na Segunda Chancelaria da República florentina, entre demandas da política interna e missões diplomáticas¹⁰. Experiências que, certamente, provocaram-no a pensar sobre a dinâmica da política, uma vez que ele mesmo se encontrava no núcleo dela: no âmbito interno, tanto nas burocracias do Estado, como também acompanhando as instâncias decisórias; e no âmbito das relações externas, acompanhando e vivenciando as movimentações políticas diplomáticas e de guerra.

Dada a sua vasta experiência nas questões políticas, Maquiavel ao afirmar escrever sobre as coisas do mundo parece delimitar o que lhe interessa: exclui todos os assuntos e temas que não são mundanos. Pensando o que lhe estaria em oposição, podemos colocar na lista tudo o que transcende a experiência no mundo, ou seja, o que transcende a experiência sensível. Assim, nos parece que o que se associa à metafísica é recusado para pensar tais experiências. Este posicionamento político o consagrou como um pensador realista, especialmente por causa de seu famoso enunciado sobre a *verità effettuale*, localizado na obra *O Príncipe*, que parece ecoado nas “coisas do mundo”, expressão escrita posteriormente nos *Discorsi*. Vamos ao enunciado maquiaveliano:

Porém, sendo meu intento escrever uma coisa útil para quem a escuta, parece-me mais conveniente seguir a *verdade efetiva da coisa* do que a imaginação sobre ela. Muitos imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem se soube se existiram na verdade, porque há tamanha distância entre como se vive e como se deveria viver que aquele que abandona o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a preservar-se (P, XV, p. 75, grifos nossos¹¹).

Se Maquiavel recusa em *O Príncipe* tudo o que estaria no horizonte do normativo para pensar a partir da experiência, da realidade tal como se apresenta, já temos de fato que as coisas do mundo estão postas. Tal assertiva é comprovada com sua crítica àqueles que imaginaram repúblicas e

⁹ Os jardins Oricellari, da família Rucellai, abrigava encontros com um grupo de pessoas que tinha como aspiração a renovação política. Cosimo Rucellai é quem encabeça esta reunião, das quais participam Zanobi Buondelmonti e Maquiavel. (GAILLE-NIKODIMOV, 2008, p. 128 e 129). Encontros de cunho republicano, Maquiavel frequentou os *Orti* nos anos de 1516 e 1517 (INGLESE, 2015, p. 29).

¹⁰ Ver mais em Guarini (1990, p. 22).

¹¹ Para referenciar a obra *O Príncipe* em português, usaremos a abreviatura P, seguida do capítulo e página da edição brasileira utilizada, quando em nota de rodapé ou como citação no corpo do texto.

principados, autores, cujas propostas não eram apenas normativas, mas continham fundamentos metafísicos. Com efeito, de acordo com Bignotto (1991, p. 139), é preciso reconhecer que Maquiavel se dedicou a atacar os pressupostos metafísicos que comandavam as análises políticas de muitos dos humanistas, porém, não podemos deduzir que do abandono da ideia de uma comunidade ideal, possamos passar para uma comunidade real com contornos transparentes. Sem dúvida, essa observação parece pertinente especialmente se considerarmos que as experiências do mundo sobrevividas continham uma alta dosagem de ineditismo, como vimos com Gaille-Nikodimov *et al.*(2006) e Rivière (2018), o que desafia a análise, uma vez que não cabiam no método de análise costumeiramente usado pelos florentinos, como vimos acima.

4 As coisas do mundo e as paixões no centro da análise

Então, como compreender as coisas do mundo? Após a dedicatória dos *Discorsi* onde encontramos a primeira menção a esta expressão no proêmio que abre o livro I, Maquiavel afirma que nas questões políticas raramente recorre-se aos antigos e às histórias, servindo tais textos simplesmente ao deleite dos leitores. O florentino assevera que as pessoas não usam os antigos porque não possuem o verdadeiro conhecimento das histórias (como se não conseguissem acessá-los), pois não logram extrair o sentido delas para o presente como se as coisas de hoje se distinguíssem das antigas. Vejamos nas palavras do secretário florentino:

No entanto, na ordenação das repúblicas, na manutenção dos estados, no governo dos reinos, na ordenação das milícias, na condução da guerra, no julgamento dos súditos, na ampliação dos impérios, *não se vê príncipe ou república que recorra aos exemplos dos antigos*. E creio que isso provém não tanto da fraqueza à qual a atual religião conduziu o mundo, ou do mal que um ambicioso ócio fez a muitas regiões e cidades cristãs, *quanto do fato de não haver verdadeiro conhecimento das histórias, de não se extrair o sentido, de não se sentir nelas o sabor que têm*. Motivo por que infinitas pessoas que as leem sentem prazer em ouvir a grande variedade de acontecimentos que elas contêm, mas não pensam em imitá-las (D, I, Proêmio, p. 6-7, grifos nossos).

O que vemos, então, de acordo com a citação, parece ser a sugestão de um método para a compreensão das coisas do mundo, especificamente da política, olhando para o passado para a compreensão do presente, também com o intuito de lograr prever o que está por vir: o futuro. O método sugere examinar o que já aconteceu, procurar o seu sentido e comparar com o presente.

O pressuposto deste método poderia se pautar na afirmação de que todas as coisas do mundo encontram correspondência nos antigos. Isso seria possível porque a correspondência ocorreria, segundo a citação, sempre, independentemente dos tempos históricos. O modo de pensar por

correspondências e similitudes era muito próprio do Renascimento e as palavras de Maquiavel poderiam nos remeter à lógica das analogias, um dos tipos de similitudes: “o seu poder [da analogia] é imenso porque as similitudes de que trata não são as similitudes visíveis e maciças das próprias coisas; basta-lhe que sejam as semelhanças mais sutis das relações” nos revela Foucault (1966, p. 39). Mas, é preciso estar atento ao fato de que Maquiavel distancia-se da lógica naturalista e cosmológica das semelhanças¹². Por recusar o naturalismo próprio do modo de pensar as similitudes, sua pesquisa toma outro caminho, o da historicidade, mesmo quando afirma que apesar da diferença temporal, algo deve se manter em todos os tempos para que seja possível compreender o presente (qualquer presente) a partir de experiências do passado (Antiguidade Clássica). Presente e passado, então, não estão em correspondência. O que se encontra nos diferentes tempos são repetições. Neste sentido, a história é importante porque fornece a possibilidade de conhecer as causas e os possíveis efeitos de determinados eventos que se repetem, mesmo considerando as diferenças dos tempos. O que, contudo, provocaria as repetições?

Em um de seus textos escritos no seu ofício de secretário florentino, *Do modo de tratar os povos rebelados do Valdichiana (Valdichiana)*, de 1503, Maquiavel já apresenta a história como mestra das ações, ou seja, aquela que revela, que detém o conhecimento das ações políticas, especialmente porque apresenta as especificidades deste tipo de relação. Vejamos:

Ouvi dizer que a história é mestra das nossas ações e, sobretudo, das ações dos príncipes, e o mundo foi sempre habitado por homens que sempre tiveram as mesmas paixões; e sempre houve quem serve e quem manda; quem serve de má vontade e quem serve de boa vontade, e quem se rebela e é reprimido. (VALDICHIANA, 2010, p. 46¹³).

Aqui, parece já ser revelada a verdade efetiva da coisa, em duas premissas. A primeira afirma que os homens sempre tiveram as mesmas paixões. A segunda, que no mundo há aqueles que mandam, aqueles que servem e os que se rebelam. Observa-se, então, que Maquiavel coloca os termos: paixões, pessoas que mandam, que servem ou se rebelam; contudo, ainda não revela a relação entre eles. É importante observar que ele já coloca a história no centro da operação de repetição, sendo o elemento que detém a chave de acesso ao conhecimento. As paixões ainda não eram, aqui, desveladas ou evidenciadas como as razões da relação política, talvez como um de seus

¹² Ver capítulo 1 de FERREIRA, C. C. (2024).

¹³ Para a obra *Do modo de tratar os povos rebelados do Valdichiana* teremos as seguintes abreviaturas:

- Valdichiana*, quando no texto;
- Valdichiana, seguida de ano e número de página da edição brasileira utilizada, quando em nota de rodapé ou como citação no corpo do texto. Tal texto encontra-se em *Política e gestão florentina*, da Fundação Getúlio Vargas.



fundamentos. Tem-se apenas que as coisas do mundo estão intrinsecamente atreladas a tal relação ainda não completamente exposta. Foram necessários dez anos para que a relação fosse totalmente enunciada a partir de *O Príncipe* (1513) e principalmente nos *Discorsi*. Vejamos um enunciado parecido a este da *Valdichiana*.

Quem considere as coisas presentes e antigas verá facilmente que são sempre os mesmos os desejos e os humores em todas as cidades e em todos os povos, e que eles sempre existiram. De tal modo que quem examinar com diligência as coisas passadas facilmente preverá as futuras, em qualquer república, prescrevendo os remédios que foram usados pelos antigos; ou se não encontrar remédios já usados, pensará em novos, devido à semelhança dos acontecimentos. Mas, como essas considerações são negligenciadas ou não entendidas por quem lê, ou se são entendidas, não são conhecidas por quem governa, segue-se que sempre se veem os mesmos tumultos em todos os tempos. (D, I, 39, p. 121, grifos nossos).

Neste trecho é possível apreender que a experiência que vincula o pensamento maquiaveliano à realidade distancia nosso autor do pensamento natural cosmológico que busca o sentido das coisas no espelhamento e similitudes, bem como o distancia da metafísica. Ao afirmar que nas coisas presentes e antigas operam os mesmos desejos e humores (paixões, na versão de Valdichiana) em todas as cidades e todos os povos (como pode ser comprovado no primeiro grifo do trecho supracitado), Maquiavel coloca a política onde ela deve estar: são as coisas do mundo, portanto, mundanas, e mais que tudo, humanas. Este trecho parece se ligar ao Proêmio:

considerando a imitação não só difícil como também impossível; como se o céu, o sol, os elementos, os homens tivessem mudado de movimento, ordem e poder, distinguindo-se do que eram antigamente. (D, I, Proêmio, p. 6-7, grifos nossos).

As coisas do mundo, leia-se, as coisas políticas não mudaram de natureza. São mundanas e, sobretudo, humanas. O realismo maquiaveliano, então, pauta-se exclusivamente nas coisas humanas: as paixões, os desejos, os humores estão sempre, em todos os tempos, em todos os povos, em todas as cidades. Com esta afirmação, Maquiavel entende que as paixões estão imbricadas na política e no político.

A análise das paixões, então, parece ganhar centralidade no método maquiaveliano. Matteo Faini defende que a observação das paixões era o método maquiaveliano para tentar compreender e prever as ações de homens políticos, ou seja, governantes de repúblicas, reis e príncipes. Sugere que o secretário florentino entenderia que as paixões seriam como o caráter, um traço fundamental que definiria uma maneira de proceder de um homem (FAINI, 2017, p. 207). Com efeito, uma carta de

Maquiavel a Vettori¹⁴ demonstra esta acepção de paixão, ou das qualidades que têm como base as paixões, como *tendência*¹⁵, inclusive como também pudemos ver, que ocorre em alguns casos nos *Discorsi*. Faini, portanto, percebe a observação das paixões nos atores políticos como método.

É preciso, pois, reconhecer as paixões como premissa do método. As paixões são os elementos que permitem observar e efetuar comparações entre os tempos, pois elas estão sempre. Se Maquiavel se utiliza da observação das paixões dos homens para compreender e pensar quais são as ações que os atores políticos farão, isso não passa também de descobrir uma tendência, como o próprio Faini explicita:

Conhecer as paixões dos governantes do povo, acredita Maquiavel, é a maneira de conhecer o estado do mundo. Podemos não ser capazes de prever cursos específicos de ação, uma vez que saibamos quais paixões animam um determinado governante, mas estaremos entre os poucos que vão além das aparências e alcançam a verdade efetiva da questão (FAINI, 2017, p. 207).

Faini, porém, nada fala do povo ou de grupos políticos que disputam coisas com o príncipe, ou entre si, no campo político. É preciso retomar a citação de *Valdichiana* para lembrar que as relações políticas existem em todas as cidades: há aqueles que dominam, aqueles que são dominados e os rebeldes. Em *O Príncipe* e nos *Discorsi*, Maquiavel modifica esta formulação, atribuindo às relações políticas paixões específicas para conformá-las. Podemos verificar nos *Discorsi* que o confronto de dois humores são a causa da liberdade: “em toda república há dois *humores diferentes*, o do povo e o dos grandes, e que todas as leis que se fazem em favor da liberdade nascem da desunião deles” (D, I, 4, p. 22, grifos nossos). Em *O Príncipe* fica explícita a causa dos humores: “em todas as cidades, existem esses dois *humores* diversos, que nascem da seguinte razão: o povo *deseja* não ser comandado nem oprimido pelos grandes, enquanto os grandes *desejam* comandar e oprimir o povo” (P, IX, p. 45, grifos nossos). Nestes enunciados, temos os termos “humor(es)” e “desejos” vinculados às coisas políticas e aos acontecimentos, como é mencionado no trecho supracitado do capítulo 39. Tendo-se que a acepção de humor no capítulo 39 é ódio¹⁶ (D, I, 39, p. 121 a 123) e

¹⁴ Carta de 10 de agosto de 1513. (MAQUIAVELO, 1990, p. 114-118).

¹⁵ Termo nosso, não de Faini.

¹⁶ “e como aquela guerra era administrada por uma magistratura de dez cidadãos, que se chamavam os Dez da Guerra, o povo começou a *sentir-lhe ódio*, como se ela fosse razão da guerra e dos seus gastos, e começou a convencer-se de que acabando com aquela magistratura, acabava-se com a guerra. (...) Esse *mesmo humor* surgiu em Roma contra a nomeação dos cônsules (...) depois de outras ordenações, referiram instituir tribunos com poder consular a instituir cônsules, tal era o *ódio* que votavam mais ao título que à autoridade dos cônsules” (D, I, 39, P. 121 a 123, grifos nossos).



considerando os desejos um tipo específico de paixão¹⁷, mais uma vez comprova-se que são paixões que estão em jogo nas coisas do mundo, como na primeira formulação de *Valdichiana*.

A atribuição de universalidade aos desejos do povo e dos grandes (os humores da cidade) é observável nos trechos que estamos trabalhando dos *Discorsi* e de *O Príncipe*, uma vez que o secretário florentino afirma existirem em todos os povos e cidades. Desejos e humores, termos que carregam a imagem de fluidez e movimento são, nos enunciados maquiavelianos, o que permanecem no tempo. É a presença dos desejos e dos humores que permitem fazer a relação presente-passado. Como dissemos, considerando os desejos um tipo de paixão, as paixões estão inextricavelmente vinculadas ao político, basta lembrar que: primeiro, os desejos, ainda que diversos, são a razão dos humores, como vimos (P, XV, p. 45); as formas de governo ou regimes políticos nascem do embate entre os humores, ou seja, do conflito de desejos – “desses dois apetites opostos, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença.” (P, IX, p. 45); e por último, as leis em favor da liberdade que nascem da desunião dos humores, ou seja, também do confronto de paixões (D, I, 4, p. 22).

Somando-se a isso tudo, lembremos do enunciado do capítulo 39, o qual também contém a universalidade dos desejos e humores existentes em todos os povos. O título deste capítulo, “Em povos diferentes muitas vezes se observam os mesmos acontecimentos” (D, I, 39, p. 121), contém a sugestão de que os acontecimentos são decorrentes das paixões. Em outras palavras, as paixões sempre estão e os acidentes decorrentes delas – que também são coisas do mundo –, frequentemente também¹⁸. Podemos entender isto como um desdobramento e esclarecimento do enunciado do prólogo do livro I, comprovando que em povos diferentes e tempos diversos (na análise do capítulo, Florença contemporânea à Maquiavel e República Romana) observam-se os mesmos acidentes. Maquiavel dá a entender, assim, que operando os mesmos desejos e humores, haverá a produção de acontecimentos semelhantes. Supomos, então, que estes acidentes são os efeitos da oposição entre os desejos, quais sejam, a inimizade, a relação conflituosa entre os grandes e o povo, cuja causa, fundamento ou razão, são os desejos, que nunca serão plenamente satisfeitos. Afirma Lefort,

¹⁷ Maquiavel usa *desejos*, que são um gênero de paixão, associado à insaciabilidade, tal como a ambição (GAILLE-NIKODIMOV, 2004, p. 44).

¹⁸ Parafrazeado de Lefort, 1972, p. 516, que afirma: “Os acidentes são amiúde os mesmos; os desejos e os humores o são sempre”.



o essencial, entendemos, não é a repetição dos acidentes – repetição, além do mais, aproximativa –, mas a lógica que subjaz [*soutien*¹⁹] e a deixa descobrir, uma vez conhecida a permanência dos desejos e dos humores. Os acidentes são frequentemente os mesmos; os desejos e os humores o são sempre. (LEFORT, 1972, p. 516, tradução minha, grifos do autor).

Considerando que a lógica da dinâmica dos humores e desejos subjazem os acidentes, eles estão não só na origem da cidade e do político. Estão também nos acidentes, pois estão no subterrâneo destes. Esta é a verdade efetiva das coisas, ou ao menos, o que subjaz às experiências que temos do mundo. Tentando explicitar ainda mais, emprestando um termo de Merleau-Ponty, usado no *Notas sobre Maquiavel*, as paixões e os humores agem na molecularidade dos acontecimentos, sendo causa deles, como vimos.

5 Considerações finais

São as paixões, portanto, os elementos humanos que vinculam as experiências do passado e do presente. O recurso às histórias da Antiguidade Clássica, o olhar para o passado só tem razão de ser pela busca do conhecimento das causas que não variam com o tempo nem com o espaço. O que não deixa de ocorrer, o que está sempre presente são as paixões humanas. E por isso, são elas que permitem, atente-se, a transitar entre as experiências de diferentes tempos e lugares. A chave, portanto, para conhecer as coisas do mundo são as paixões.

Contudo, devemos lembrar que Maquiavel não trata de quaisquer coisas humanas. Seu objeto de pesquisa sempre são as coisas políticas que, como vimos, remetem às relações entre os desejos de dominar e o de não ser dominado. A verdade efetiva das coisas, portanto, das coisas políticas, reside nos termos desta relação. E as paixões, especialmente os desejos, estão inextricavelmente imbricados nesta relação. Assim, não basta buscar as histórias e os autores antigos. É preciso conhecer as paixões que movem os homens, que os colocam em relação e que deflagram ações e acontecimentos. As paixões, portanto, estão no centro do método de análise maquiaveliana, pois o pensador florentino as reconhece no seio das ações e do campo de disputa que é próprio da e do político.

¹⁹ Verbo de muitos significados, *soutenir* tem como primeira acepção no *Le Petit Robert micro* (2013, p. 1358): “segurar por debaixo, servindo de suporte ou apoio” (tradução nossa), que parece razoável para a compreensão do uso de Lefort. Traduzimos com o verbo *subjazer*, acompanhando a tradução espanhola revisada pelo próprio Lefort (LEFORT, 2010, p. 330).

Referências bibliográficas

- ARANOVICH, P. F. **História e política em Maquiavel**. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.
- BIGNOTTO, N. **Maquiavel republicano**. São Paulo: Loyola, 1991.
- FAINI, M. Machiavelli's passions. **Intellectual History Review**. v. 27, n. 2, p. 203-221, 2017. doi:10.1080/17496977.2017.1295533.
- FERREIRA, C.C. **O jogo das paixões no pensamento republicano de Maquiavel**. 2024. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Trad. António Ramos Rosa. Portugal: Portugália Editora, Martins Fontes, 1966.
- GAILLE-NIKODIMOV, M. **Conflit civil et liberté: La politique machiavélienne entre histoire et médecine**. Paris: Honoré Champion, 2004.
- GAILLE-NIKODIMOV, M. **Maquiavel**. Coimbra: Edições 70, 2008.
- GAILLE-NIKODIMOV, M. ; GIRARD, P. ; REMAUD, O. Presentation. In: **Laboratoireitalien**, n. 6, 2006.
- GIDDENS, A. **O estado-nação e a violência**. Trad. Beatriz Guimarães. São Paulo: EDUSP, 2008.
- GUARINI, E. F. Machiavelli and the crisis of the Italian republics. In: BOCK, G.; SKINNER, Q.;
- VIROLI, M. (Org.). **Machiavelli and republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- INGLESE, G. I tempi di Machiavelli. In: MACHIAVELLI, N. **Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio**. Milano: BUR Classici, 2015.
- Le Petit Robert Micro**, 2013.
- LEFORT, C. **Le travail de l'ouvre Machiavel**. Paris: Gallimard, 1972.
- LEFORT, C. **Maquiavelo. Lecturas de lo político**. Madrid: Editorial Trotta, 2010.
- MAQUIAVEL, N. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, N. **Política e Gestão Florentina**. (Série Ciências Sociais na Administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração, FGV-EAESP). Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: FSJ, 2010.



MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAQUIAVELO, N. **EPISTOLARIO 1512 – 1527**. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. Notas sobre Maquiavel. In: MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 237-252.

PAREL, Anthony. **The Machiavellian cosmos**. New Haven, London: Yale University Press, 1992.

RIVIÈRE, J. L'épreuve de la nouveauté: Regards croisés sur la France, l'Allemagne et l'Espagne. **L'expérience de l'autre**. Les premières missions diplomatiques de Machiavel, Vetorri et Guicciardini. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2018.

VIROLI, Maurizio. **O sorriso de Maquiavel**. Trad. Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ZANCARINI, J.C. "Machiavel et Guicciardini : guerre et politique au prisme des guerres d'italie. In **Laboratoire italien**, n. 10, 2010.

